



Patrimônio Imaterial e turismo: o caso do município de Jequitibá-MG

Fábio Costa Pedro*

Reinaldo Dias**

Resumo

A partir do final do século XX ocorre em nível internacional e no Brasil a ampliação do significado do patrimônio cultural, incluindo também as manifestações culturais imateriais, como as festas religiosas ou profanas, tradições orais, música e culinária. A valorização do patrimônio cultural imaterial de uma localidade pode contribuir para o fortalecimento de sua identidade, e aliada à atividade turística, pode promover a conservação das festas e a melhoria das condições de vida da população. Neste artigo reflete-se a relação entre patrimônio, turismo e o município de Jequitibá-MG, sobre como as referências culturais ligadas à tradição podem se constituir em recursos turísticos, contribuindo desse modo para o desenvolvimento local. Como resultado conclui-se que o patrimônio cultural imaterial pode ser utilizado como recurso turístico e também reforçar a identidade local, que é possível a partir de ações nas quais exista o equilíbrio entre os interesses da comunidade e os do mercado.

Palavras-chave: Cultura; turismo; patrimônio cultural; patrimônio cultural imaterial; turismo cultural.

Abstract

Since the end of XX century starts, in an international level and consequently in Brazil, the amplification of the cultural patrimony meaning. It began to include immaterial cultural manifestations, such as religious and profanes parties, oral traditions, music and culinary. The valorization of the incorporeal cultural patrimony from a given place, may contribute to the construction and reinforcement of its identity, which added to the tourism activity, may promote the preservation of the parties and the improvement of life conditions in that population. We tried to investigate in this work the relation among patrimony, tourism and Jequitibá-MG city, analyzing how the cultural references linked to the traditions may constitute a resource for tourism, contributing for the local development. As a result we concluded that the incorporeal cultural patrimony can be used as a resource for tourism and also can reinforce the local identity. This will be possible with actions which equilibrate the community and the market interests.

Keywords: Culture; Tourism; Cultural heritage; Intangible cultural heritage; Cultural tourism.



Laboratório de Tecnologia e Desenvolvimento Social



Introdução

Este artigo aborda os impactos socioculturais do turismo na comunidade de Jequitibá-MG, conhecida como a capital mineira do folclore. Essa abordagem privilegia o patrimônio imaterial de Jequitibá com sua cultura ligada ao catolicismo, produzida pelos pequenos sítiantes e trabalhadores rurais e que configura a identidade do lugar, sendo possível gerar ocupação e renda para a localidade, através da exploração pelo turismo. O texto está estruturado em quatro partes: na primeira é feita uma contextualização histórica da cidade; em seguida uma reflexão sobre o sentido do patrimônio imaterial como patrimônio vivo; na terceira parte é realizada uma descrição da metodologia empregada e finalmente, na última, são enunciados os resultados da pesquisa e a conclusão.

A cidade e o patrimônio imaterial

A cidade de Jequitibá-MG localiza-se às margens do Rio das Velhas, importante rota fluvial de penetração no território mineiro no período colonial. A região foi explorada pela expedição de Fernão Dias, que penetrou no sertão das Minas Gerais à procura de ouro e pedras preciosas, subindo o Rio das Velhas até Sabará. Esta região foi também percorrida pelo bandeirante Borba Gato, sobre o qual se assegura ter sido o primeiro povoador e minerador do Rio das Velhas na região da atual Sabará-MG. Atribui-se a José de Seixas Borges, participante da expedição de Fernão Dias, a criação de Jequitibá quando "entranhou-se em 1680 pelo sertão do Uaimii e fundou Jequitibá, senhorando-se de vastas superfícies de terras entre aquele rio e o Paraupava" (Vasconcelos, 1974, p.257).

A cidade chegou a contar com um porto fluvial porque durante a fase imperial (1822-1889) foram várias as tentativas de navegar pelo Rio das Velhas, inclusive a navegação a vapor. Apesar do entusiasmo com a navega-

ção nesse rio, o projeto foi abandonado pelas dificuldades de navegabilidade, com grande prejuízo para o governo provincial (Barbosa, 1979).

A cidade de Jequitibá-MG está situada na região central de Minas Gerais, integrando os municípios da bacia do Rio das Velhas e faz divisa com os municípios de Santana de Pirapama, Cordisburgo, Araçaí, Funilândia, Baldim e Sete Lagoas. Seu IDH é de 0,692, ocupando no Estado de Minas Gerais a 581ª posição do ranking. Pela diversidade e grande número de manifestações populares ligadas ao catolicismo, a cidade tornou-se conhecida como a capital mineira do folclore. Esta herança cultural ligada ao catolicismo assume importante fator de identidade nessa comunidade mineira às margens do Rio das Velhas.

A visibilidade dessa identidade ligada às celebrações do catolicismo surgiu no final dos anos de 1988, graças ao esforço empreendido por dois admiradores dessas manifestações populares, os folcloristas Geraldo Inocêncio de Souza e Carlos Filipe Horta, que identificaram na cultura popular uma forma de fortalecer a identidade e a riqueza do município¹. A idéia não teve repercussão imediata perante o poder público local e mesmo junto à comunidade, que considerava a idéia um desatino de alguns apreciadores das folias, guardas e congado. Apesar da incompreensão, a idéia desses visionários concretizou-se com o lançamento do governo do folclore, ocasião em que foram indicados como representantes dessas tradições. A cidade de Jequitibá-MG, que foi cogitada para ser a capital política do estado, e que estava esquecida à beira do Rio das Velhas assumiu o título de "capital mineira do folclore" atraindo interessados nessas tradições populares.

Em Jequitibá-MG, as celebrações ligadas ao catolicismo popular tradicional, como as folias e as guardas, são agrupadas em ciclos (Quadro 1).

* Mestre em Turismo e Meio Ambiente pelo Centro Universitário UNA e professor do Centro Pedagógico da UFMG

** Doutor em Ciências Sociais pela Unicamp e professor do Mestrado em Turismo e Meio Ambiente do Centro Universitário UNA

1. Entrevista, Filipe (2007)

Quadro 1

CICLO DE FESTAS DE JEQUITIBÁ-MG	
CICLO	CARACTERÍSTICAS
Ciclo Junino	Festas ligadas aos santos do mês: Santo Antônio, São João, São Pedro, onde se realizam as quadrilhas, simpatias, fogueiras, cantigas, etc.
Ciclo do Divino	Cortes do Divino, Almoço do Divino, Folia do Divino.
Ciclo do Rosário	Folguedos, Festas, Reisados dedicados a N. Sra. do Rosário e a Sta. Efigênia.
Ciclo Natalino	Folias, Reisados e Pastoris.
Outros	Boi da Manta, Festa da Capina, Nicolina.

Fonte: Elaboração própria a partir de entrevistas.

As festas na cidade são acontecimentos que envolvem os cantos, as músicas, a dança, as crenças, os ritos, a culinária e o artesanato, constituindo-se em herança transmitida por gerações e formando um patrimônio imaterial que evoca o sagrado com atos comemorativos e rituais. São essas celebrações, com a participação de trabalhadores e performáticos, que fortalecem a identidade cultural da comunidade e promovem Jequitibá como a "capital mineira do folclore".

Entre as celebrações que ocorrem na sede do município de Jequitibá destacam-se as folias do mestre Nelson Jacó e as Guardas comandadas por "Zé da Ernestina", cujos integrantes pertencem a sua família, que tem como zeladora a esposa, Maria Justina. As folias são grupos precatórios de inspiração religiosa católica integrada por cantores e instrumentistas que homenageiam os santos através de orações cantadas, saindo às ruas e visitando as casas para pagamento de promessas. Existem na cidade as folias de São Benedito, Nossa Senhora do Rosário, Santa Luzia, São João, São Gonçalo, Santo Antonio, São Miguel e também as folias de Reis e do Divino. Além da sede do município, cada povoado de Jequitibá tem sua folia; cada uma com sua própria afinação de viola.

A folia, quando se apresenta nas ruas da cidade, tem à frente a bandeira adornada com fitas nas cores do santo. Os devotos, ao passar do cortejo, se ajoelham e beijam a bandeira em sinal de respeito ou devoção. Logo atrás

da bandeira vem o mestre, primeira posição na hierarquia da folia, conhecedor dos segredos da celebração e responsável ainda pela música e letra. A louvação ao santo é feita por uma polifonia de vozes em que o mestre dá o tom e tem as respostas do contramestre, do "segundeiro" e do "tercereiro", seguidas pela voz da "primeira requinta" e da "requintinha". Nessas folias alguns cantam e tocam, enquanto outros integrantes apenas tocam; os instrumentos utilizados são a viola, a caixa ou tambor, a rebeca, o cavaquinho e a sanfona, sendo que o pandeiro é introduzido algumas vezes. As folias de Jequitibá contam com número variado de componentes, entre 7 e 30 integrantes, cujas apresentações se realizam nas ruas e nas casas onde o anfitrião solicita o comparecimento da folia como parte do pagamento de graça obtida, sempre seguido de um jantar para os convidados². Nas folias, três membros vestem-se de Reis Magos, usando máscaras e trajes representando Gaspar, ancião com grande capacete e bengala; Baltazar, com trajes estampados de cores fortes e máscara preta com estrela no capacete e Belchior, o mais jovem, com roupas de cores azul ou amarelo.

As folias ocorrem durante todo o ano em Jequitibá e seguem o seguinte calendário:

- No dia 6 de janeiro é a folia de Santos Reis;
- 20 de janeiro folia de São Sebastião;
- 28 de janeiro folia de São Gonçalo;
- A folia do Divino Espírito Santo tem data móvel entre maio e junho (Pentecostes);

3. É um bailado cômico cujo enredo envolve atores representando o boi e o toureiro em situações cômicas.

4. Quando falta chuva, os cantadores saem pelo povoado rezando o terço e cantando. O termo "incelência", associada aos cantos fúnebres, neste caso é um pedido pelo fim da estiagem.

5. O ritual é realizado durante a quaresma, quando os participantes saem durante a noite tocando matraca e pedindo que todos rezem pelas almas, principalmente daqueles que morreram em mortes trágicas.

6. Dança de origem africana caracterizada por forte sapateado e palmas. O batuque é acompanhado por tambores, caixas, pandeiros, violas e rabeca, que dão base rítmica a cantigas tradicionais.

7. Dança que retrata a cultura do algodão, desde o momento de se colher até o de se tecer. A coreografia imita os movimentos dos fios durante a tecelagem. A dança é apresentada em qualquer época do ano.

8. A contradança é uma dança folclórica composta de 9 marchas. É feita sem canto nem letra, apenas ao som de violas, rabecas e flautas. Na evolução da dança são usados lenços e porretinhos que são batidos uns nos outros.

9. O Fim de Capina é uma dança que representa o término da capina na roça, geralmente realizada em novembro e dezembro.

10. Cantos que embalavam os trabalhadores na dura tarefa de serrar troncos enormes de madeira com serras manuais, que exigiam muito esforço.

11. As cantigas de roda são cantadas em roda com coreografias especiais para cada uma delas.

12. O Projeto Manuelzão é um projeto da Universidade Federal de Minas Gerais que tem por objetivo promover a revitalização da bacia do Rio das Velhas. Suas atividades tiveram início em 1997 na Faculdade de Medicina, pela iniciativa de um grupo de professores que perceberam que saúde está diretamente relacionada às condições sociais e ao meio ambiente em que as pessoas vivem. Disponível em <www.manuelzao.ufmg.br/>. Acesso em: 11 jul. 2007.

- Dia 13 de junho é a folia de Santo Antônio;
- 24 de junho de São João;
- 29 de setembro folia de São Miguel Arcanjo;
- 7 de outubro folia de Nossa Senhora do Rosário e
- 13 de dezembro folia de Santa Luzia.

Essas folias fazem parte da tradição da religião popular em Minas Gerais e se caracterizam pela presença masculina, sendo que os performáticos são pequenos sítiantes e assalariados rurais que expressam sua fé e seus sentimentos através das orações cantadas nas celebrações.

Na sede do município a Guarda do Santíssimo Sacramento, de José Ernestina, é outra tradição. Sua família é responsável pelas apresentações do Congo de Nossa Senhora do Rosário e pelas Folias de Reis, do Divino, de São Sebastião, de São Geraldo, de Nossa Senhora Aparecida; pelo batuque; e pelas danças Recortado; Dança de Fagote; Dança de lundu. Segundo Martins (1991), estudioso dessas tradições mineiras, as guardas são manifestações populares de raízes afro-brasileiras que podem assim ser descritas:

A guarda (também chamada terno ou batalhão) é uma unidade religiosa ou grupo autônomo, com denominação particular e estandarte, conforme o modelo tradicional. Aspectos rítmicos, plásticos e funcionais caracterizam aquelas oito diferentes unidades, com maior ou menor número de representações em Minas. [...] Todas as referidas guardas ou unidades formam a Congada, que é a denominação genérica da grande família coreográfica em torno de Nossa Senhora do Rosário e dos Santos pretos. (Martins, 1991, p.57-59)

O ritual da Guarda começa com o cortejo, que se exhibe nas ruas cantando, dançando e tocando as violas, as caixas, o chique-chique, os cavaquinhos e a rabeca. O mestre à frente, com seu uniforme branco e espada, símbolos de sua dignidade e sabedoria. O cortejo visita a

casa do festeiro, onde almoçam e prosseguem pelas ruas, terminando a festa com o levantamento do mastro da bandeira no adro da igreja em homenagem ao santo celebrado.

Jequitibá é terra de congadeiros, foliões, batuqueiros, encomendadores de alma e pastorinhas, constituindo um patrimônio imaterial disperso por seu território contribuindo para o fortalecimento da identidade local. Esse patrimônio imaterial ligado às celebrações da igreja católica demonstra que "a cultura, assim como o sertão e a natureza, resiste, insiste e não desiste de sobreviver" (Diniz, 2006, p.10). Ao lado desse patrimônio popular vivo existe o patrimônio edificado, como a Igreja do Santíssimo Sacramento, construída no século XIX, com muitos detalhes do século XVIII, tombada pelo IEPHA/MG, além de um cemitério velho, do qual restam antigas paredes erguidas por escravos.

Em 1993 foi criada a Festa do Folclore, que se realiza até hoje nas ruas centrais da cidade e reúne na sede do município, no mês de setembro, os grupos de folias, congado e outras manifestações populares ligadas ao catolicismo tradicional popular dos diversos distritos. Entre as manifestações encontram-se as folias de Nossa Senhora do Rosário, do Divino, de Reis e as apresentações: Boi da Manta³, Incelência para Chuva⁴, Encomendação das Almas⁵, Batuque⁶, Pastorinhas, Dança do Tear⁷, Contradança⁸, Fim de Capina⁹, Dança do Serrador¹⁰ e Cantigas de Roda¹¹. A culinária e o artesanato também se fazem presentes no festival cuja atração atual é a reunião de todos os grupos do município.

Em razão de ser conhecida por seus festejos, a cidade, em 2007 foi escolhida para sediar o "FestiVelhas Jequitibá", evento idealizado pelo "Projeto Manuelzão"¹², que deu a Jequitibá a oportunidade de divulgar seu patrimônio imaterial em bases estaduais, uma vez que reuniu artistas, artesãos, agentes culturais, ambientais e todos aqueles mobilizados pela melhoria das condições da bacia do Rio das Velhas. Para o Projeto Manuelzão a cultura tem um lugar de

destaque na bacia do Rio das Velhas e “vamos olhar para festas como a Dança das Fitas e o Congado, instrumentos como a viola e o tambor, ritmos como o batuque e a contradança”¹³ como elementos da vida cotidiana.

Esse encontro cultural traz um impacto positivo para a localidade que se preparou para receber os turistas, artistas e organizadores do evento. A cidade organizou sua infra-estrutura de hospedagem, organizou os expositores de artesanato e comidas típicas. O festival mobiliza os grupos performáticos do município. Entre os que se apresentaram estão expoentes da música mineira como: Chico Lobo, Fernando Sodré, Tavinho Moura, Rubinho do Vale, Fernando Brant. Da cidade apresentam-se: a Dança do Tear, Incelência para a Chuva, Dança do Fim da Capina, Dança do Serrador, Dança da Vara, Cantiga de Roda, Batuque, Quadrilha Folclórica, as Pastorinhas, Guarda do Congo de Jequitibá, Folia do Divino, Folia de São Sebastião, Folia de Reis. Um dos mestres de arte popular da cidade, Nelson Jacó, se apresentou com Chico Lobo, ex-integrante do grupo Aruanda de Danças Folclóricas e violeiro e o português Pedro Mestre, especialista em música tradicional alentejana.

O FestiVelhas é também a oportunidade de modificações que contribuirão para a conservação das tradições culturais da cidade, que se mantêm até agora pela persistência dos mais velhos. Para Dias, a utilização turística do patrimônio permite a recuperação de manifestações ameaçadas de extinção “que embora possam ter seu sentido alterado para a exploração turística, são manifestações legítimas” (Dias, 2006, p.204), fonte de auto-estima e renda para a comunidade.

O patrimônio imaterial e o turismo

O conceito de patrimônio cultural foi ampliado ao longo do século XX e, além de bens de “pedra e cal”, monumentos, obras de arte, pertencentes às elites civis e religiosas, passa a

incluir saberes, música, festas, danças, crenças, que representam a cultura dos grupos étnicos e populares, configurando-se como patrimônio vivo com sua dimensão intangível, que não se realiza em objetos duráveis (Londres, 2001). Esse patrimônio imaterial é construído socialmente e possibilita a participação de setores sociais cujas referências culturais permanecem sem valorização. Ele é fonte de diversidade cultural e garantia de desenvolvimento sustentável (UNESCO, 2003).

No caso brasileiro a concepção original de patrimônio cultural como símbolo nacional vinculou-se ao barroco mineiro com suas igrejas, casarões, arte sacra como símbolo de nossa identidade nacional. Os intelectuais responsáveis por esse sentido do barroco como patrimônio buscavam, segundo Dias (2006), além do valor histórico e artístico um valor político que:

“passou a ser identificado com o Estado, representante dos interesses gerais da nação [...] como instrumento de formação e de consolidação das identidades nacionais [...] buscam consolidar sua dominação política e ideológica [...] outros buscam tão-somente a afirmação de sua existência como cultura distinta e o fazem por meio do acúmulo de um capital simbólico, que tem o patrimônio cultural como um de seus elementos mais significativos, por representar a continuidade histórica.” (Dias, 2006, p.70-79).

O pioneiro Mário de Andrade, que previa a preservação tanto da arte popular como da erudita, reveladora da diversidade cultural brasileira, pode ser considerado visionário para seu tempo, pois a conservação do patrimônio cultural tomou outra direção privilegiando o patrimônio monumental criado pela Igreja e o Estado.

O reconhecimento do patrimônio imaterial foi um processo lento e gradual e no Brasil se efetivou com a Constituição Federal de 1988 e pelo Decreto 3.551, de 4 de agosto de 2000, que resgataram a antiga preocupação de Mário de Andrade de valorização das diversas

13. FestiVelhas Jequitibá. Disponível em: <www.manuelzao.ufmg/>. Acesso em: 11 jul. 2007.

manifestações eruditas e populares da sociedade brasileira. O Registro instituído através do Decreto foi a forma encontrada para a valorização e o compromisso do Estado em documentar e produzir conhecimento sobre o bem cultural de natureza imaterial.

O patrimônio cultural brasileiro compreende atualmente os bens de natureza material e imaterial portadores de referência à identidade dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira. No Brasil esse patrimônio imaterial compreende os bens tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: as formas de expressão; os modos de criar, fazer e viver; as criações científicas, artísticas e tecnológicas; as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

O reconhecimento do patrimônio imaterial implica numa idéia nova de nação "não mais como uma unidade socialmente e culturalmente homogênea, mas como um Estado cuja unicidade advém da diversidade criadora material e imaterial do seu povo." (Medeiros, 2004, p.50)

No ocidente o conceito de patrimônio cultural com reconhecimento jurídico e político esteve fortemente ligado à formação das identidades nacionais com o desenvolvimento do estado moderno; desta forma os monumentos e coleções foram convertidos em patrimônio da nação para a educação dos cidadãos. Atualmente o patrimônio cultural adicionou a este valor simbólico e estético um valor econômico, com seu emprego associado ao turismo.

Essa relação tem recebido atenção dos órgãos internacionais como a UNESCO, o ICOMOS, pelo fato desse patrimônio cultural

ser um forte atrativo para turistas que querem contemplar monumentos, festas e festivais, bem como vivenciar os lugares, o que provoca efeitos econômicos, sociais e culturais para as comunidades e cidades visitadas. Atualmente esse patrimônio representa para o mercado aquilo que no passado representou para a nação (Arantes, 2004).

Esse reconhecimento do valor de mercado do patrimônio está expresso nas Normas de Quito (OEA, 1967), onde está estabelecido que o valor econômico é um valor de troca atual capaz de evitar riscos de desaparecimento provocados pelo abandono e falta de proteção, surgindo o turismo como atividade capaz de reverter essa situação. O turismo aparece nessas Normas de Quito como uma ferramenta de preservação do patrimônio sem que isso leve à sua desnaturalização. As Normas de Quito foram atualizadas pela Carta do Turismo Cultural (ICOMOS, 1976), na qual o turismo é visto como fenômeno capaz de exercer um efeito positivo sobre o patrimônio porque contribui para sua conservação de forma sustentável.

A idéia do turismo apropriando-se do patrimônio cultural, embora venha ganhando adeptos e apoios não é vista sem controvérsias. Para os críticos do uso turístico do patrimônio, não se pode descuidar dos efeitos negativos, nocivos e destrutivos que o uso descontrolado do patrimônio cultural acarreta.

Para Choay (2001), se o turismo acabou com a fruição dos valores intelectuais e artísticos a poucos privilegiados, permitindo a expansão do público que aprecia o patrimônio cultural, por outro lado essa valorização traz efeitos perversos "como o fato de ser alvo de investimentos do mercado imobiliário de prestígio, que tende a excluir dele as populações locais ou não privilegiadas e, com elas, suas atividades tradicionais e modestamente cotidianas" (Choay, 2001, p.226). Para a autora, soma-se a isso a homogeneização de centros urbanos e a autodestruição do monumento

pelo sucesso com grande fluxo de visitantes, que corrói os ornamentos das ruas, praças e jardins. Para Choay (2001), até mesmo o público que procura conhecimento histórico e prazeres da arte é geralmente enganado pela "indústria patrimonial", que tende "a vender-lhes ilusões à guisa de valores prometidos", complementa a autora. (Choay, 2001, p.228).

Para Barretto (2000), aqueles antropólogos, sociólogos, historiadores e folcloristas que criticam o uso econômico do patrimônio cultural partem de uma perspectiva de que o "legado cultural transformado em produto para o consumo perde seu significado. A cultura deixa de ser importante por si mesma e passa a ser importante por suas implicações econômicas" (Barretto, 2000, p.48). Para esses críticos, o respeito ao patrimônio cultural, sua conservação¹⁴ e sua autenticidade merecem cuidados que devem prevalecer sobre qualquer outra consideração do ponto de vista econômico.

Para o antropólogo Carvalho (2004), as apropriações pelo mercado são negativas por colocar em risco tradições sagradas que "podem ser atropeladas por um grupo social [...] desvinculando-as de suas dimensões locais de identidade, pertença, religiosidade, consciência histórica, criação estética, originalidade, fonte de auto-estima e resistência política", em decorrência de um suposto direito ao espetáculo da era do consumidor cidadão, que transforma rituais sagrados em entretenimento (Carvalho, 2004, p.79).

Nessa perspectiva crítica, o turismo que procura entretenimento para os viajantes contribui para a degradação dos recursos culturais e/ou ambientais, alterações de usos e funções que provocariam a perda do sentido, de identidade do lugar, provocando um mal estar entre os turistas e os anfitriões, que vêem o visitante como ameaça a suas tradições e a sua tranqüilidade.

Neste artigo entendemos o patrimônio como algo vivo e sua relação com o turismo na cidade mineira de Jequitibá é uma realidade que pode

trazer impactos positivos a partir de ações do poder público e da comunidade, o que representa desafios e oportunidades. Como afirma Dias (2006), o patrimônio cultural é ainda um recurso pouco utilizado pelos municípios e, no caso de Jequitibá, poderá dar a essa cidade vantagens em relação a outros territórios, pois o uso do patrimônio pelo mercado é uma tendência cada vez mais forte na sociedade atual.

Metodologia

Este artigo utilizou como métodos a pesquisa bibliográfica, observação do autor e entrevistas com os gestores públicos locais, com os mestres das celebrações e com os proprietários dos meios de hospedagem da cidade. A pesquisa bibliográfica selecionada entre autores nacionais e estrangeiros teve como referência o estudo do conceito de patrimônio cultural, que foi ampliado ao longo do século XX, gerando uma nova categoria: a de patrimônio imaterial, que compreende os bens culturais intangíveis, representando um novo olhar sobre o patrimônio cultural. A pesquisa bibliográfica buscou também abordar a relação entre o patrimônio e sua apropriação pelo turismo. O trabalho de campo, realizado na sede do município, teve como estratégia a observação de três celebrações: a Festa da Nicolina, a Festa do Santíssimo e o FestiVelhas Jequitibá, ocorridas na sede do município, a cidade de Jequitibá-MG.

Quanto às entrevistas, elas foram realizadas com perguntas abertas, com liberdade para acrescentar questões de esclarecimento aos informantes. As entrevistas foram utilizadas para levantar a percepção dos gestores públicos, os mestres das folias e das guardas e dos proprietários dos hotéis e pousadas em relação à presença de excursionistas e turistas na cidade.

Para as entrevistas foram escolhidas pessoas responsáveis pelas celebrações da cidade e que se dispuseram a ser ouvidas, sendo entrevistados os mestres José Geraldo Alves, o "Zé da

14. Neste trabalho, tomando como referência a Carta de Burra (ICOMOS-AUSTRÁLIA, 1979), o termo conservação designa os cuidados a serem dispensados a um bem para preservar-lhe as características que apresentem significação cultural.

Ernestina", rei do Congo de MG, "Nelson Jacó", mestre de folias da cidade, Elmar Pereira Bastos, o "Nozinho", criador da Festa da Nicolina. Foram entrevistados os gestores públicos Geraldo Antônio Saturnino, prefeito do município, Hermano Rener Saturnino, Secretário de Cultura, Turismo e Lazer, Lúcia Antônio Saturnino Souza, Secretária Municipal de Educação, Ronaldo Soares, antiquário, e Neide Reis, historiadora das tradições culturais da região.

Buscamos nessas entrevistas captar o sentido das celebrações tanto do ponto de vista simbólico e, ao mesmo tempo, como recurso turístico. As entrevistas tiveram ainda por objetivo investigar o envolvimento do poder público municipal e dos meios de hospedagem no trato do patrimônio imaterial da cidade como formador da identidade local e como recurso turístico. Procuramos investigar qual a principal motivação das festas, as principais manifestações culturais da sede do município e o interesse dos mestres pela presença dos excursionistas e turistas nessas festas ligadas ao catolicismo. As entrevistas pautaram-se pelo respeito à cultura e aos valores do entrevistado.

Neste artigo empregamos alguns conceitos extraídos de cartas, conferências e convenções internacionais¹⁵. Assim, o conceito conservação é empregado para designar os cuidados a serem dispensados a um bem para preservar-lhe as características culturais. O conceito preservação será a sustentação da importância de um bem e a desaceleração do processo de deterioração. Como salvaguarda entende-se as medidas que visam garantir a viabilidade do patrimônio, tais como a identificação, a preservação, a proteção, a valorização, a transmissão por educação formal e não formal e a revitalização deste patrimônio. Por autenticidade se entende o respeito à originalidade dos bens, mas aceitando suas transformações, seja quanto ao aspecto de forma, materiais, uso e funções ao longo do tempo, desde que realizadas pela comunidade que gerou o bem cultural.

Resultados e análises

A cidade mineira de Jequitibá, um centro de cultura tradicional e popular ligada ao catolicismo, foi o objeto da pesquisa, sendo discutida a relação entre o patrimônio imaterial e o turismo. O patrimônio imaterial se apresenta como patrimônio vivo e importante instrumento de identidade, auto-estima de uma localidade e representa a democratização da memória. Atualmente é um recurso cada vez mais incorporado aos circuitos comerciais, gerando benefícios materiais e simbólicos e ganhando adeptos e apoios, mas que não é visto sem controvérsias por trazer, segundo os críticos, alterações de usos e funções que provocariam a perda do sentido ao se transformarem em mercadoria.

O turismo em Jequitibá, ao se apropriar do patrimônio imaterial dessa localidade, pode revelar e valorizar um dos componentes essenciais desse patrimônio: a identidade da comunidade, processo esse onde o passado é uma referência propiciadora de identidade, mas que igualmente possibilita a construção do presente, tornando-se um recurso com valor de mercado gerando benefício para seus detentores. A valorização, pelo turismo, da cultura tradicional de Jequitibá pode se constituir em alternativa de renda e emprego para a comunidade, fator de auto-estima e fortalecimento da cultura local. Isso ficou demonstrado através da observação do "FestiVelhas Jequitibá", das entrevistas com os gestores públicos da cidade e com os atores sociais que vêm na atividade turística uma oportunidade de renda e de valorização de suas manifestações.

Em relação à gestão pública desse patrimônio, a ação mais concreta de promoção da herança cultural da localidade é o patrocínio do festival do folclore oferecido pela prefeitura, que fornece a infra-estrutura necessária para o evento e o transporte para os grupos performáticos. O poder público de Jequitibá ainda não recebe repasse de verba específico direcionado para seu patrimônio imaterial. Isso ocorre no

15. Com destaque para a Carta de Burra (ICOMOS-AUSTRÁLIA, 1979), a Conferência de Nara (1994) e a Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Imaterial (2003).

município por falta de gestores ou empresas de assessoria capazes de atender às exigências do IEPHA/MG, órgão responsável pela gestão do patrimônio cultural mineiro e que disponibiliza as verbas de acordo com a legislação de incentivo à salvaguarda do patrimônio cultural existente em Minas Gerais.

O poder público de Jequitibá-MG promove a imagem do município como um centro de manifestações populares através de seu portal na internet que divulga os acontecimentos da cidade. Neste portal¹⁶ o internauta pode opinar sobre acontecimentos na cidade. A última consulta foi sobre o FestiVelhas Jequitibá, onde 76,92% dos que opinaram o consideraram "muito bom" e 15,38% "bom", ficando a porcentagem restante entre "regular", 3,85%, e "pode melhorar" 3,85%.

Com relação à iniciativa privada, a participação dos proprietários de pousadas e hotéis na promoção do turismo na cidade se limita, como se constatou pelas entrevistas realizadas, em divulgar nos folders dos hotéis unicamente o bucolismo da cidade ou as qualidades da pousada e seus equipamentos. Há necessidade, com a coordenação do conselho do patrimônio da cidade, de realização de um trabalho de educação turística, para que esse setor valorize mais a herança cultural da região e não apenas a sua tranquilidade. Também não entra na promoção turística da cidade seu patrimônio espeleológico, recurso que continua inexplorado, mesmo com a cidade integrando o circuito das grutas de Minas Gerais.

Quanto aos impactos negativos como a espetacularização e dessacralização dessas manifestações, pode-se constatar, com base nas observações da festa do Santíssimo, do FestiVelhas Jequitibá e nas entrevistas realizadas com os mestres das folias e guarda, que, para esses grupos performáticos, a presença do excursionista ou turista não interfere em suas crenças e rituais, pois, afinal são eles que cantam, tocam, dançam, levantam os mastros, são os detentores do segredo dos ritos que

consolidam a fé. A presença do excursionista ou turista é positiva, traz calor e ajuda a reforçar os ritos, trazendo maior motivação para esses atores sociais. O rito repetido revitaliza as crenças dos grupos, mantendo sua vitalidade. Assim, a presença do excursionista ou turista estimula os ritos e as crenças, garantindo sua permanência, reforçando a fé e estimulando a dança e o canto que, antes, ficavam confinados à comunidade.

Como recurso turístico a cidade tem nas guardas e folias os seus principais atrativos culturais que se apresentam durante o ano obedecendo ao ciclo das festas na cidade e durante o Festival do Folclore, principal evento da cultura local. É importante a implementação de ações para revitalização dessas manifestações que se mantêm hoje em dia pela persistência dos mestres. Estes tentam contornar as dificuldades de manutenção como a falta de recursos financeiros e a pouca renovação dos performáticos, pela liderança que possuem entre os integrantes dos grupos geralmente familiares.

A renovação dos quadros é lenta ou inexistente, com apresentações em que os grupos estão desfalcados de seus componentes por doença ou pelas exigências do trabalho diário. Outra limitação dos grupos consiste em que muitos performáticos se apresentam sem uniformes típicos, com suas cores, fitas e outros adereços. Se essas carências materiais por um lado não diminuem a fé, deixam de proporcionar qualidade cênica capaz de fornecer uma experiência satisfatória aos moradores e turistas por serem bastante singelas.

A atividade turística em Jequitibá será um agente externo de transformação, pois pode promover, com a concordância dos detentores dessas celebrações, a revitalização dessas tradições, cuja riqueza cultural pode mesclar-se com incorporação de novos componentes, novos formatos e coreografias, recriações que não tiram sua autenticidade, pois estariam baseadas na continuidade cultural da cidade.

16. Prefeitura Municipal de Jequitibá. Disponível em: <www.jequitiba.mg.gov.br>. Acesso em: 17 set. 2007

Essas adaptações podem motivar e atrair os mais jovens a realizarem as performances na cidade e fora dela, contribuindo para a divulgação da imagem de Jequitibá e colaborando para a continuidade dessa herança de danças e cantos tão presentes nessa localidade.

Dessa forma, consideramos que a revitalização das guardas e folias serão arranjos capazes de manter a tradição do ritual sagrado/profano e de incorporar qualidade cênica com recriações e adequações aos dias atuais capazes de oferecer aos próprios atores sociais, aos moradores e turistas uma experiência satisfatória. A herança cultural da cidade necessita de ações no sentido de renovação e revitalização de grupos performáticos com espaço para inventar, recriar e promover a integração da tradição com o presente numa releitura saudável dos saberes, valores e crenças. Essas iniciativas estariam acopladas a um programa de educação patrimonial nas escolas com as crianças ensaiando coreografias, aprendendo o sentido simbólico das festas, da história local, de uma forma lúdica, contribuindo deste modo para a conservação do patrimônio cultural imaterial.

O posicionamento de Jequitibá como a "capital mineira do folclore" tem fornecido visibilidade para o município, atraindo estudantes e pesquisadores interessados nas tradições e festas do lugar e, em razão desta tradição, recebeu em setembro de 2007 o "FestiVelhas Jequitibá". O festival propiciou renda aos artesãos, comércio local, hotéis e pousadas e ao mesmo tempo aumento da auto-estima dos atores jequitibaenses reforçando a identidade do lugar ao valorizar a música e coreografias dos grupos precatórios e de danças do município, que tiveram espaço especial na programação do festival. Dessa forma, o patrimônio cultural de Jequitibá apropriado pelo turismo se constitui em fator de desenvolvimento cultural e econômico, sendo improvável pensar em desenvolvimento cultural e econômico sem essa relação cultura e turismo. O turismo, ao

valorizar e revelar a cultura popular, dá uma contribuição para sua sustentabilidade social, pois representa a emergência dos saberes chamados populares ou tradicionais.

As oportunidades se apresentam para o município e as possíveis alterações e recriações dessa interação patrimônio e turismo não irão trazer riscos de desnaturalização, como pensam os tradicionalistas. A pureza e a autenticidade das manifestações populares são aspectos que se apresentam dinâmicos, adquirindo novos sentidos simbólicos e de uso no decorrer do tempo. O patrimônio cultural sempre foi o resultado de dilemas, disputas e escolhas e o turismo é apenas mais um desses dilemas com que o patrimônio se depara. Rejeitar as mudanças dessas manifestações representa um anacronismo e condenação da herança a uma sobrevivência improvável num patrimônio que se quer vivo. Se a renovação não ocorrer, significa condenar determinados grupos a permanecerem ancorados na tradição, "museus vivos" de passado idealizado, que sem a renovação correm riscos reais de perdas e de esquecimento na medida em que se calem as vozes dos atores tradicionais dessas manifestações. Estas mantêm os mesmos sentidos sagrados e profanos, todavia transformadas para atender as aspirações atuais da comunidade e do mercado.

Conclusão

O patrimônio cultural como gerador de auto-estima e recursos materiais ainda não é percebido por muitas comunidades que lhe atribuem exclusivamente um papel complementar de espetáculo ou lazer envolvendo o sagrado e o profano e não um recurso capaz de gerar emprego e renda. A possibilidade do turismo na cidade mineira de Jequitibá está condicionada à gestão desse patrimônio imaterial, o que significa o envolvimento da administração pública, da iniciativa privada e da comunidade, coesas no sentido de utilizar econômica e simbolicamente o potencial

cultural de Jequitibá-MG e consolidá-la como a "capital mineira do folclore". Esse emprego dos recursos culturais deve ter por objetivo garantir o desenvolvimento e a conservação desse patrimônio vivo gerador de identidade e auto-estima para a população local e, ao mesmo tempo, pode proporcionar recursos mediante o turismo cultural.

O resultado do trabalho aponta que, para o desenvolvimento cultural pelo turismo em Jequitibá, é imperativo que os detentores dessa herança e os gestores públicos empreendam ações de instrumentalização de seu patrimônio como um recurso simbólico e econômico, no qual a comunidade tenha controle sobre seu passado, para usufruir de seus valores simbólicos e materiais. Isso implica em promoção e revitalização dessas manifestações populares para que tenham maior visibilidade, como ocorreu durante o FestiVelhas. Essas adequações podem garantir a conservação dessas tradições que necessitam de uma revitalização de suas coreografias, de adereços e performáticos, como por exemplo, o incentivo à maior participação da juventude jequitibaense com liberdade para recriar e adaptar suas tradições com base nas necessidades do presente.

A autenticidade das tradições se mantém, pois são realizadas pelos detentores da herança cultural, atendendo as novas demandas socioeconômicas e culturais, não podendo ficar presas, imutáveis no passado. O patrimônio imaterial acompanha a dinâmica dos bens culturais e constitui uma construção humana contínua, por meio da transmissão oral de valores espirituais, de narrativas, de festas, transmitidas de geração em geração. Assim, ocorre uma recriação permanente, já que os homens não absorvem pacificamente as transformações do seu mundo social onde o passado e o presente se entrecruzam, gerando renovados produtos culturais que podem ainda facilitar sua penetração nos canais de comunicação e chegar ao mercado.

Por outro lado, essas transformações serão capazes de revigorar o duplo valor dos bens culturais, seja seu valor afetivo, espiritual, estético, social, histórico, simbólico ou seu valor econômico. Sendo essas adaptações realizadas pelos seus detentores, fornecerão à comunidade uma sensação de continuidade, de respeito às gerações anteriores, um processo importante para a formação e consolidação da identidade cultural e para a conservação da cultura local.

Esses arranjos fazem a relação patrimônio e turismo propiciar benefícios diretos e indiretos para a comunidade jequitibaense e revitalizar suas manifestações de danças e cantos. Assim, o envolvimento e comprometimento da comunidade como principal guardiã de seu patrimônio garantem uma arrumação equilibrada dos bens e serviços culturais que têm valor cultural, simbólico, afetivo e econômico com a geração de recursos econômicos para as demandas dos residentes.

Patrimônio, turismo e identidade são categorias complexas e a revisão da literatura e o trabalho de campo revelam que a identidade se conserva não como manifestação ancorada num passado histórico, mas fundamentada na continuidade da dinâmica cultural, o que implica em perdas com a inclusão de novos elementos. Assim, como os bens imateriais se renovam, a identidade também sofre transformações na medida em que se vai construindo, caminhando para o futuro sem esquecer o passado.

A relação entre patrimônio e o turismo em Jequitibá é um importante fator de valorização e conservação do patrimônio imaterial, por trazer benefícios econômicos para a comunidade promovendo o interesse da mesma na sua conservação. Essa aproximação entre o patrimônio e o turismo pode promover a fruição dos excursionistas e turistas ao vivenciarem prazerosamente as celebrações expressas nos cantos, nas danças e música da cidade. O turismo, ao promover o encontro entre os visitantes

e os anfitriões, contribui para o fortalecimento da identidade cultural do lugar e atua como elemento externo de transformação, com essa herança se adaptando à prática cotidiana do presente e não apenas do passado. Aí, então, como afirma Falcão (2001, p.167), "a preservação do imaterial é a preservação do presente e do futuro, muito mais do que a do passado. Muito mais esperança do que saudade." Cabe aos gestores e agentes do turismo criar uma relação equilibrada entre o valor econômico do patrimônio cultural e a identidade do lugar, processos que não são conflitantes e sim promotores de benefícios materiais e afetivos.

A atividade turística deve ser complementada pela ação do poder público municipal local, que tem que manter seu apoio a essas manifestações populares que, por serem da comunidade, beneficiam amplos setores da população, além de contribuir para a autoestima e a identidade locais. Por isso, deve o gestor público realizar investimentos na cultura do município, subvencionando e promovendo essas manifestações, buscando recursos nas leis federais e estaduais de incentivo à cultura. O patrimônio imaterial representa a democratização da memória e da cultura dos grupos de trabalhadores rurais espalhados pelas diversas comunidades do município de Jequitibá e que se manifestam nos cantos, danças e músicas de caráter sagrado e profano merecendo reconhecimento e respeito.

O trabalho sobre Jequitibá, com seu patrimônio imaterial apropriado pelo turismo, exemplifica a importância dessa atividade para a valorização, conservação e ao mesmo tempo renovação da tradição com a participação da comunidade. O patrimônio cultural imaterial pode ser utilizado como recurso turístico e ao mesmo tempo reforçar a identidade local, possibilidade que ocorre a partir de ações nas quais exista o equilíbrio entre os interesses da comunidade e do mercado. Isso é viável na medida em que o patrimônio imaterial se apresenta dinâmico, revitalizado, proporcionando

ao excursionista ou turista uma experiência satisfatória e, respectivamente, sendo capaz de promover desenvolvimento socioeconômico com benefícios materiais para a população local, promovendo a identidade do lugar ao valorizar sua herança e, assim, caminhar para o futuro com o intercâmbio entre tradição e atualidade.

Referências bibliográficas

- ARANTES, A.A. Patrimônio imaterial e sustentabilidade de sua salvaguarda. **DaCultura**, Rio de Janeiro, ano 4, n.7, p.9-14, 2004.
- BARBOSA, W.A. **História de Minas**. Belo Horizonte: Ed. Comunicação, 1979.
- BARRETO, M. **Turismo e Legado Cultural: As possibilidades do planejamento**. São Paulo: Papirus, 2000.
- CARVALHO, J.J. Metamorfoses das tradições performáticas afro-brasileiras: de patrimônio cultural a indústria do entretenimento In: LONDRES, C. et al. **Celebrações e saberes da cultura popular: pesquisa, inventário, crítica, perspectiva**. Rio de Janeiro: Funarte/IPHAN/CNFCP, 2004.
- CHOAY, F. **A alegoria do patrimônio**. Tradução de Luciano Vieira Machado. São Paulo: Estação Liberdade/Ed.Unesp, 2001.
- CURY, I. (Org.) **Cartas Patrimoniais**. Rio de Janeiro: IPHAN, 2004.
- DIAS, R. **Turismo e patrimônio cultural: recursos que acompanham o crescimento das cidades**. São Paulo: Saraiva, 2006.
- DINIZ, L.F.M.; GOULART, E.M.A. (Orgs.). **Rio das Velhas em verso e prosa**. Belo Horizonte: Projeto Manuelzão/UFGM, 2006.
- FALCÃO, J. Patrimônio imaterial: um sistema sustentável de proteção. In: **Revista Tempo Brasileiro**, n.147, p.163-180, out./dez., 2001.
- ICOMOS. Carta do Turismo Cultural. **Seminário Internacional do Turismo Contemporâneo e Humanismo**. Bruxelas, 8-9 nov., 1976.
- ICOMOS-AUSTRÁLIA. **Carta para La Conservación de Lugares de Valor Cultural** – Carta de Burra, Canberra, 19 ago. 1979. Disponível

- em: <www.internacional.icomos.org>. Acesso em: 16 out. 2007.
- MARTINS, S. **Folclore em Minas Gerais**. Belo Horizonte: UFMG, 1991.
- MEDEIROS, A.E.A. Imaterialidade criadora. In: TEIXEIRA, J.G.L.C. et al. (org.). **Patrimônio imaterial, performance cultural e (re)tradicionalização**. Brasília: ICS-UnB, 2004.
- OEA – Organización de los Estados Americanos. Normas de Quito. **Reunião sobre Conservação e Utilização de Monumentos e Lugares de Interesse Histórico e Artístico**. Informe Final (Parte V). Quito, nov./dez., 1967.
- UNESCO. Convención para La Salvaguardia del Patrimonio Cultural Inmaterial. **Actas de la 32ª. Conferencia General**. Paris, 29 set.-29 out., 2003.
- _____. Documento de Nara sobre autenticidade. Nara, UNESCO, 1994. Disponível em: <www.iphan.org.br> (versão em português). Acesso em: 15 out. 2007.
- VASCONCELOS, D. **História Antiga das Minas Gerais**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1974.

Entrevistas realizadas

- FILIPE, Carlos. Jequitibá: 22 ago. 2007. Concedida a Fábio Costa Pedro.
- JACÓ, Nelson. Jequitibá: 26 mai. 2007. Concedida a Fábio Costa Pedro.

Cronologia do processo editorial:

Recebimento do artigo:	16-jan-2008
Envio aos pareceristas:	13-mai-2008
Recebimento dos pareceres:	30-mai-2008
Envio para a revisão do autor:	30-mai-2008
Recebimento do artigo revisado:	10-jun-2008
Aceite:	23-jul-2008